

Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

A SINTAXE DOS PRONOMES CLÍTICOS NO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE SANTANA-BA: UMA COMPARAÇÃO COM O PORTUGUÊS LUANDENSE

THE SYNTAX OF CLITICS PRONOUNS IN PORTUGUESE SPOKEN IN SANTANA-BA: A COMPARISON WITH PORTUGUESE LUANDENSE

Silvana Silva de Farias Araújo*
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA;
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE; CNPq, Brasil

Manoel Crispiniano Alves da Silva
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA,
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 27/04/2019 • APROVADO EM 31/05/2019

Abstract

For the development of this research, the theoretical and methodological framework of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) was used to investigate the placement of clitic pronouns in standard and non-standard variety of the Portuguese spoken in the city of Feira de Santana-BA and compare

the results obtained with those achieved by Araújo e Silva (2018) in the Angolan variety. By contrasting urban varieties of Portuguese spoken in two former colonies of Portugal, this work seeks to contribute to the studies on the linguistic contact in the formation of Brazilian Portuguese (PB), analyzing the similarities and differences between them in what concerns the variable phenomenon in focus. Because they are national varieties constituted in historical circumstance of intense contact between languages. The hypothesis that we suggest is that it would be similarity between PB and Angolan Portuguese (PA), with proclisis being the most frequently used placement in both varieties. For that, oral data were collected in sociolinguistic interviews that are part of the linguistic collection of the projects “A língua portuguesa no semiárido baiano – Fase III” and “Em busca das raízes do português brasileiro – Fase III: estudos morfossintáticos”, both based in the Center for the Study of the Portuguese Language (NELP) of the Feira de Santana State University (UEFS). The results obtained point to a change in progress in the implementation of the proclitic variant in Portuguese of Feira de Santana and a similarity with the Luanda Portuguese, thus confirming the hypothesis initially raised.

Resumo

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizado o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), com o objetivo de investigar a colocação dos pronomes clíticos na norma culta e popular do português falado na cidade de Feira de Santana-BA e comparar os resultados obtidos com os alcançados por Araújo e Silva (2018) na variedade angolana. Ao contrastar variedades urbanas da língua portuguesa faladas em duas ex-colônias de Portugal, este trabalho busca contribuir com os estudos sobre o contato linguístico na formação do português brasileiro (PB), analisando as semelhanças e as diferenças entre ambas no que concerne ao fenômeno variável em foco. Por serem variedades nacionais constituídas em circunstância histórica de intenso contato entre línguas, a hipótese que aventamos é a de que haveria semelhança entre o PB e o português angolano (PA), sendo a próclise a colocação com maior frequência de uso em ambas as variedades. Para tanto, foram utilizados dados orais coletados em entrevistas sociolinguísticas que fazem parte do acervo linguístico dos projetos “A língua portuguesa no semiárido baiano – Fase III” e “Em busca das raízes do português brasileiro – Fase III: estudos morfossintáticos”, ambos sediados no Núcleo de Estudo da Língua Portuguesa (NELP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Os resultados alcançados apontam para uma mudança em progresso na implementação da variante proclítica no português feirense e uma semelhança com o português luandense, confirmando, dessa forma, a hipótese inicialmente levantada.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Clitic; Brazilian Portuguese; Angolan Portuguese.

PALAVRAS CHAVE: Clítico; Português Brasileiro; Português Angolano.

CONSIDERAÇÕES INICIAS

A colocação dos pronomes clíticos é um dos fenômenos de natureza morfossintática que individualiza a variedade brasileira da europeia, pois enquanto há uma generalização da variante proclítica no português brasileiro (PB), o português Europeu (PE) distancia-se desse por ser, predominantemente, enclítico. A próclise só ocorre no “português d’além-mar” em contextos específicos, quando há, em orações finitas, palavras consideradas “atratoras” antes do verbo, tais como: negação, interrogativas diretas, quantificadores etc. (ROUVERET, 1989).

A sintaxe de colocação tem sido amplamente estudada na realidade linguística brasileira, seja com dados escritos de sincronias passadas (LOBO, 1922, 1996), ou em uma perspectiva diacrônica, utilizando o arcabouço teórico da Teoria Gerativa (ANDRADE; CARNEIRO, 2014; PAGOTTO, 1992, 2018; MARTINS, 2007, entre outros), seja na atual sincronia com dados orais e escritos (BIAZOLLI, 2016; CARNEIRO, 2016; MACHADO, 2016; SARAIVA, 2008, entre outros). Embora haja vários estudos sobre o fenômeno variável em questão, desenvolvidos com base em amostras representativas da língua portuguesa falada em países africanos, a exemplo os trabalhos de Vieira (2002, 2003), Vieira (2016) e Vieira e Vieira (2018) e Araújo e Silva (2018), é inegável que faltam estudos que comparem a posição dos clíticos pronominais em variedades africanas do português e no PB.

Nesse sentido, este estudo visa a preencher essa lacuna, ao investigar a posição dos clíticos pronominais em dados orais coletados em entrevistas sociolinguísticas no Brasil e comparar os resultados com os obtidos por Araújo e Silva (2018) no português luandense, sendo respectivamente representantes do PB e do PA; realizando, pois, uma análise contrastiva. Dessa forma, este trabalho contribui com a agenda dos estudos sobre a interferência do contanto linguístico entre o português e as línguas africanas, (em especial as línguas bantas), na constituição de variedades nacionais da língua portuguesa.

Petter (2015) advoga que há um *continuum* entre as variedades de língua portuguesa formadas a partir da expansão da língua portuguesa em contexto de colonização, que resultou no intenso contato linguístico entre o português, língua transplantada, e as línguas autóctones, conforme se depreende a partir da leitura do trecho seguinte:

[...] a hipótese aqui defendida propõe que as variedades não europeias de português sejam colocadas num *continuum* que tem num dos extremos as línguas parcialmente reestruturadas — as variedades angolana, brasileira e moçambicana — e, no outro, as línguas completamente reestruturadas — as variedades crioulas de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe (PETTER, 2015, p. 315).

Essa hipótese é coadunada por Avelar e Galves (2014) que apresentam fenômenos morfossintáticos em que há semelhanças entre o PB, as variedades africanas do português e as línguas do grupo banto, e postula haver um paralelismo entre elas, negando, portanto, que o PB seja o resultado de uma deriva secular românica:

(...) esperamos ter trazido neste artigo algumas das evidências relevantes que nos permitem afirmar, com uma razoável certeza, a realidade da influência do aporte linguístico africano, em particular as línguas bantas, sobre o português falado no Brasil (AVELAR; GALVES, 2014, p. 280).

Dado o exposto, é oportuno e necessário estudos que contrastem a língua portuguesa do Brasil não apenas com dados linguísticos coletados do PE, mas com amostras de fala e escrita obtidas em variedades não europeias do português. Portanto, coadunamos com a ideia proposta por Avelar e Galves (2014) e Petter (2015) e aventamos a hipótese de que há semelhança entre o PB e o PA, sendo a próclise a colocação com maior frequência de uso em ambas as comunidades de fala.

O presente artigo está estruturado em cinco seções: na seção 02, descrevemos os aspectos teóricos e metodológicos da presente pesquisa; na 03, procuramos socializar estudos sobre a sintaxe dos clíticos em variedades da língua portuguesa, realizando uma revisão de literatura; na 04, apresentamos e discutimos os resultados e, na seção 05, concluímos com as considerações finais.

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Segundo Coseriu (1979 *apud* MATTOS E SILVA, 1988), descrição e história da língua devem ser concebidas como domínios complementares de um mesmo fenômeno e não como designações dicotômicas. Nesse sentido, Mattos e Silva (1988) retoma essa tese, porém não adota esses mesmos conceitos e divide a Linguística Histórica em duas grandes vertentes:

[...] Linguística Histórica *lato sensu* e de Linguística Histórica *stricto sensu*, para evitar possíveis mal-entendidos que geraria o termo descrição, bastante carregado na história da Linguística da conotação de a-histórica ou sem historicidade (MATTOS E SILVA, 1988, p.92, grifo no original).

Segundo a pesquisadora, a Linguística Histórica *Stricto Sensu* é a parte da Linguística que se ocupa em estudar a mudança que as línguas passam ao longo do tempo. Enquanto a "*Lato Sensu*" inclui os estudos linguísticos descritivos, como os

desenvolvidos em uma perspectiva formalista, como fizeram os estruturalistas europeus e americanos e os gerativistas, como os de orientação funcionalista, a exemplo da Sociolinguística Variacionista e a Dialetologia.

Desse modo, Mattos e Silva (2008) retoma essa divisão e amplia, aclarando que “[a] linguística histórica *lato sensu* trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em *corpora*, que, necessariamente, são datados e localizados, tal como os estudos descritivos [...]” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 09).

Dado o exposto, o presente trabalho insere-se no quadro teórico da Linguística Histórica *Lato Sensu*, mais precisamente no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]), disciplina científica que busca estudar padrões e correlações entre aspectos linguísticos e fatores socioculturais.

Para alcançarmos os objetivos propostos, utilizamos para análise do fenômeno variável da colocação pronominal, vinte e quatro entrevistas sociolinguísticas que têm, cada uma, duração de 40 a 60 minutos, sendo doze com informantes com pouca ou nenhuma escolarização e doze com ensino superior completo, respectivamente, representantes das normas popular e culta do PB¹. Esses inquéritos fônicos pertencem ao projeto “A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano- Fase III”, uma amostra constituída de gravações realizadas no município de Feira de Santana-BA.

Os informantes da referida amostra nasceram na zona urbana do município e foram distribuídos em três variáveis extralinguísticas, como podem ser observadas no Quadro 01:

Quadro1: Variáveis socioculturais consideradas na amostra de Feira de Santana-BA

Faixa etária	Faixa I: 25 a 35 anos Faixa II: 45 a 55 anos Faixa III: 65 ou mais
Sexo	Masculino Feminino
Escolaridade	Nível 1: 0 a 4 anos Nível 2: Ensino superior

Além de controlarmos as variáveis extralinguísticas elencadas no Quadro 01, foram consideradas as mesmas variáveis linguísticas controladas por Araújo e Silva (2018), a saber: i) tipo de oração, ii) clítico, iii) elemento que antecede o verbo e iv) oração coordenada sindética. Não faz parte da presente pesquisa orações constituídas por complexos verbais, ou seja, período formado por locuções verbais, como pode ser observado nos exemplos, extraídos do *corpus*, a seguir:

(01) “Minha mãe me dava as coisas, dava a meu irmão e dizia: “
Hoje eu estou **lhe** dando porque eu tenho, se amanhã não puder,

se amanhã não tiver, eu não vou poder **lhe** dar” (P.L.O, Faixa I, F, NC)².

- (02) “Mas era a cópia fiel dele. Baixinho como ele é. Grossinho... eu digo: é agora que a gente vai **se** encontrar! Que eu nunca tive medo assim, até hoje eu não tenho medo, muito medo não!” (B., Faixa III, M, NP).

Foram consideradas apenas orações formadas por lexias verbais simples e verbo na forma finita, como no exemplo (3):

- (03) “Só no Cleriston Andrade, quando **me** encaminharam para o HGE” (J. Faixa III, M, NP).

Após o levantamento das ocorrências, os dados foram codificados e submetidos à análise do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), para obtermos os resultados percentuais e os pesos relativos que serão apresentados e discutidos na seção 04, onde comparamos com os alcançados por Araújo e Silva (2018) no português falado em Luanda, a fim de verificar as semelhanças e as dessemelhanças entre ambas as variedades urbanas da língua portuguesa, a saber: a feirense e a luandense.

REVISÃO DE LITERATURA: A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS EM VARIEDADES URBANAS DO PORTUGUÊS

A ordem de colocação dos clíticos já foi objeto de estudo no português falado em Feira de Santana-BA em sua norma culta e popular. Para tanto, Carneiro (2016) utiliza as entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao projeto “A língua portuguesa no semiárido baiano-Fase III” e investiga o referido fenômeno em contextos sintáticos formados por verbos na forma finita. A autora conclui que as normas representativas da realidade sociolinguística brasileira tendem a se aproximar: “[...] em todos os contextos sintáticos, sem exceção, na fala oral culta e não culta, a colocação dos clíticos ocorre em posição de próclise” (CARNEIRO, 2016, p. 146).

Nesse sentido, vale ressaltar que o estudo de Carneiro (2016) é descritivo, na medida em que descreve as ocorrências, sem, no entanto, investigar os contextos favorecedores das colocações pronominais. No presente trabalho, objetivamos, com os mesmos dados investigados pela pesquisadora, além de descrever as ocorrências encontradas, analisar os contextos favorecedores de uso da ordem de colocação pronominal e, ainda, contrastar os resultados alcançados com os obtidos por Araújo e Silva (2018) no português falado na zona urbana de Luanda, capital de Angola. Assim, este estudo se justifica, porque utilizaremos a metodologia quantitativa para investigar a correlação entre a variação entre próclise e ênclise e

os fatores socioculturais e linguísticos que atuam na realização desse fenômeno, tendo uma visão mais ampla do fenômeno no português feirense.

Na mesma linha investigativa, Vieira (2016) utiliza o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana com o objetivo de investigar a colocação dos clíticos pronominais, na modalidade oral de três variedades da língua portuguesa: a brasileira, a europeia e são-tomense. Estuda os contextos formados por apenas um verbo, como também em estruturas oracionais formados por mais de um verbo, ou seja, constituídas por complexos verbais³.

Em relação ao PB, não houve registro de mesóclise no *corpus* e os resultados obtidos apontam para uma regra semicategórica, pois dos 1.088 dados, 97% (1.053/1.088) foram de próclise. Entretanto, esses resultados divergem dos encontrados nas amostras do PE e do Português de São Tomé e Príncipe (doravante PST), pois, nestas variedades, a colocação pronominal mostrou-se variável. Enquanto no PB, 91% dos dados encontrados em início absoluto de período foram da variante proclítica, o PE e PST registraram ênclise categórica nesse contexto.

A variedade europeia apresentou um total de 2.664 ocorrências, sendo a próclise 55% (1.453/2664) dos dados e 45% (1.211/2.664) de ênclise, não havendo registro de mesóclise. Em contextos em que há a presença de elementos proclisadores, a variante proclítica é a preferida, embora tenha havido variação nesse ambiente sintático.

Na variedade são-tomense, foram encontrados 525 dados, dos quais 59% (310/525) foram de ênclise e 40% (215/ 525) de próclise. A ênclise foi categórica em início de período, mas “[n]os demais contextos, a regra foi variável e houve certa preferência pela colocação enclítica” (VIEIRA, 2016, p. 226). Mesmo com a presença dos conhecidos elementos atratores do verbo, não houve próclise categórica, assim como no PE, porém, no PST a variação ficou mais evidente.

Nesse sentido, em alguns contextos sintáticos, por exemplo, diante de sujeito e conjunções coordenativas, registrou-se próclise, comportamento semelhante ao encontrado no PB. Segundo a pesquisadora, essa oscilação na colocação pronominal nessa variedade africana em que ora se aproxima do PB e ora do PE é “[...] típica de uma língua em formação sobretudo em situação de contato linguístico” (VIEIRA, 2016, p.10).

Portanto, os estudos de Vieira (2016) e Carneiro (2016), no que concerne ao PB, apresentam semelhanças, pois mostram que há uma generalização da variante proclítica na realidade linguística brasileira. Chama a atenção, no entanto, o fato de, nos dados do PB, em início absoluto de oração, haver variação entre próclise e ênclise, enquanto que, nos dados do PE e do PST, registrar-se a ênclise categórica nesse contexto.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após realizarmos as etapas de levantamento e codificação das ocorrências encontradas no *corpus* do português feirense, submetemo-las à análise

quantitativa. A base de dados encontrada fez um total de 542 ocorrências de colocação dos pronomes clíticos em estruturas formadas por formas verbais simples, pois como foi mencionado na seção de aspectos metodológicos, não fez parte desta pesquisa a colocação pronominal em grupos verbais.

Quatro 2: Variáveis ou grupos de fatores controlados na análise do uso variável da colocação pronominal no português falado em Feira de Santana-BA

Variáveis ou grupos de fatores	Fatores
Faixa etária	25 a 35 anos 45 a 55 anos A partir de 65
Escolaridade	Baixa ou nula Superior
Sexo	Homem Mulher
Tipos de oração	Verbo em primeira posição absoluta Verbo em posição não inicial, precedido por um SN sujeito Orações coordenadas Orações subordinadas desenvolvidas Depois de pausa Orações exclamativas Oração intercalada Interrogativa Oração absoluta Oração principal
Orações Coordenadas Sindéticas	Oração aditiva adversativa alternativa conclusiva explicativas/causais
Clíticos	Me Te Se Lhe O (s)/ A (s) Vos Nos
Elementos que antecede o verbo	Nenhum elemento SN sujeito nominal SN sujeito pessoal SN sujeito indefinido SN demonstrativo SADV de negação Outros SADVs Vocativo Preposição Pronome Relativo Conjunção integrante Conjunção coordenativa Pronome interrogativo

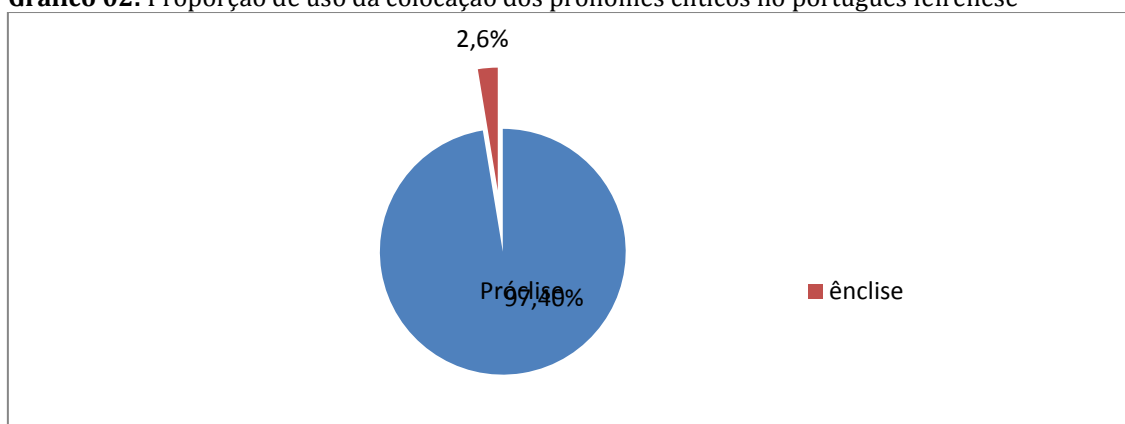
Na Tabela 1, a seguir, encontram-se os resultados alcançados, isto é, a distribuição geral da variação investigada no português falado em Feira de Santana-Ba.

Tabela 01: Distribuição geral das ocorrências da colocação dos pronomes clíticos em formas verbais simples no português feirense

Variantes	Nº de ocorrências/ total	Frequência
Próclise	528/542	97,4%
Ênclise	14/542	2,6%

A seguir, um gráfico para melhor visualização dos resultados apresentados:

Gráfico 02: Proporção de uso da colocação dos pronomes clíticos no português feirense



A partir dos resultados apresentados, é possível afirmar que a mesóclise está em desuso no português falado na cidade de Feira de Santana-BA, pois não foi encontrada nenhuma ocorrência no *corpus* analisado. Observamos também o uso majoritário da variante próclítica com um índice de 97,4% das ocorrências em relação a 2,6% de ênclise. Os resultados por si só colocam em evidência o caráter variável do fenômeno estudado nessa comunidade de fala.

Nesse sentido, vale mencionar a categorização proposta por Labov (2003). Para o autor, um fenômeno linguístico pode ser considerado variável, quando as formas alternantes (variantes) apresentam um percentual de 5% a 95% do total das ocorrências. De 95% a 99% dos dados considera-se como semicategórica e 100% dos dados encontrados significam que não há variação. Desse modo, a colocação dos pronomes clíticos no vernáculo feirense configura-se como uma regra semicategórica, caminhando para uma possível mudança.

A hipótese que aventamos inicialmente é a de que haveria semelhança entre o PB e o PA em relação à colocação pronominal, já que ambas as variedades foram constituídas em contexto histórico de intenso contato linguístico entre o português do colonizador e as línguas africanas do grupo banto, sendo a próclise a colocação

com maior frequência de uso. Nesse sentido, ressaltamos que, com os dados da fala culta e popular do português luandense, Araújo e Silva (2018) identificaram um percentual de uso da colocação proclítica de 75% dos dados: “Os resultados acima descritos mostram que a colocação mais recorrente na fala luandense é a pré-verbal, com o índice de 75% (380 ocorrências), não havendo registro no *corpus* de mesóclise [...]” (ARAÚJO; SILVA, 2018, p. 153). Nos termos de Labov (2003), o estudo dos autores descreve um uso que pode ser considerado variável, já que apresentou um percentual de uso entre 5% a 95% de uma das variantes.

Comparando os resultados obtidos em Araújo e Silva (2018) com os alcançados nesta pesquisa – os da comunidade de fala de Feira de Santana – detectamos que, de certa maneira, há uma semelhança, pois, nesta comunidade, o uso da próclise é também preferencial; contudo, o percentual é mais elevado, 97,4%, como evidenciado na Tabela 1. Os resultados levam a postularmos que, na fala feirense, a mudança está sendo implementada, ou seja, é quase uma mudança concluída.

No bojo dessa discussão, vale a pena mencionarmos o posicionamento defendido por Teixeira (2008). Segundo a pesquisadora, a variedade angolana ainda está em processo de formação. Possivelmente, quando os angolanos “assumirem a sua angolanidade” (já que Angola está formando a sua identidade sociolinguística), a variante proclítica caminhe para uma mudança semelhante ao que acontece com a língua portuguesa do Brasil.

Visando a alcançar o objetivo principal desse trabalho, controlamos as mesmas variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas por Araújo e Silva (2018). As variáveis estruturais foram: “Tipo de oração”, “Oração coordenada sindética”, “Clítico” e “Elemento que antecede o verbo”. As extralinguísticas foram: “Faixa etária”, “Escolaridade” e “Sexo⁴”.

Apresentaram alguns contextos categóricos as variáveis “Faixa etária” (a faixa 3), “Tipo de oração” (verbo em posição não inicial, precedido por um SN sujeito; oração intercalada; interrogativa; oração absoluta; oração principal), “Oração coordenada” (adversativa; alternativa), “Clítico” (me; te; lhe; nos) e “Elemento que antecede o verbo” (SN indefinido; conjunção integrante; SN sujeito pessoal; Sintagma adverbial de negação; SN sujeito nominal; Pronome relativo; Pronome interrogativo; Vocativo; SN demonstrativo). Quanto a essas duas últimas variáveis linguística, escolhemos excluí-las, tendo em vista que restariam poucos contextos e com ínfima variação, ou melhor, com grande maioria de uso da próclise⁵. Desse modo, excluindo os fatores em que houve uso categoricamente proclítico e as duas variáveis linguísticas anteriormente citadas, o programa computacional Goldvarb X selecionou, em ordem de relevância estatística, as seguintes variáveis: “Faixa etária”, “Sexo” e “Tipo de Oração”.

Nesse sentido, na pesquisa de Araújo e Silva (2018), as variáveis selecionadas pelo programa em nível de significância estatística no condicionamento da próclise foram: “Escolaridade”, “Elemento que antecede o verbo”, “Naturalidade do informante” e “Tipo de oração”. Foram descartadas: “Faixa etária”, “Sexo”, “Oração coordenada sindética” e “Língua materna”. Dado o exposto, podemos perceber que a única variável selecionada em ambas as variedades do português foi “Tipo de

oração”. Assim, resta-nos saber se os contextos sintáticos apresentam semelhanças entre o PB e o PA.

A frequência majoritária da variante proclítica (75% dos dados) obtida na amostra analisada por Araújo e Silva (2018) indica que essa seja a opção preferencial dos luandenses; porém esse fenômeno, diferentemente do PB, configura-se como variável, enquanto na língua portuguesa do Brasil caminha para uma mudança. Desse modo, fica evidente a razão pela qual foram selecionadas poucas variáveis no condicionamento da próclise no PB.

AS VARIÁVEIS SELECIONADAS

A VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA

Os resultados referentes à variável “Faixa etária” estão apresentados na tabela a seguir.

Tabela 02: Atuação da variável *Faixa etária* no uso da variante proclítica no português feirense

Fatores	Ocorrências/ Total	Porcentagem	Pesos relativos
Faixa I (25 a 35 anos)	152/153	99,3%	.84
Faixa II (45 a 55 anos)	235/248	94,8%	.26

Foram controladas três faixas etárias, entretanto a faixa III, que é constituída por informantes acima de 65 anos, o uso da variante proclítica foi categórica (de um total de 141 dados), algo que revela que a preferência pela próclise é antiga na comunidade. Assim, excluímo-la e realizamos uma nova rodada e obtivemos os resultados que estão na tabela 02.

Segundo Naro (2017, p. 25), “O progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas”. Nesse sentido, podemos afirmar que os números alcançados nesta pesquisa apontam que a colocação proclítica caminha para ser implementada no português feirense, constituindo, dessa forma, uma mudança em curso. A porcentagem obtida nesta pesquisa, perfazendo um índice de 97,4% e o uso categórico da anteposição do clítico na faixa III, resultados esses que se assemelham com os de outros pesquisadores (VIEIRA, 2016, FERREIRA, ALKMIN, 2011, entre outros) deixa evidente essa afirmação.

A Faixa etária I é a que mais favorece o uso da colocação proclítica, apresentando peso relativo de (.84). O comportamento linguístico dos jovens feirenses da amostra assemelha-se muito a dos idosos, pois de 153 ocorrências, apenas um dado foi de ênclise, não havendo, pois, variação na fala dos informantes mais jovens que compõe o *corpus* estudado. Desse modo, confirma o que diz Perini (2007, p. 2030 *apud* VIEIRA, 2016, p.128) “a ênclise está desaparecendo do português brasileiro”.

A seguir, apresentamos, no exemplo 04, o único exemplo de ênclise levantado no *corpus*, extraído da fala de uma informante da Faixa etária I, que possui nível superior e tem 26 anos de idade. Schei (2003, p. 150) avança uma hipótese de que há, no PB, “formas cristalizadas”, ou seja, há verbos e certos pronomes que favorecem a ênclise. Segundo a autora, esses verbos ocorrem majoritariamente com o pronome “se”, mas ressalta que a hipótese necessita de mais estudos. Assim, acreditamos que o clítico “se”, nesse contexto de oração exclamativa, apresenta indícios de que seja uma forma cristalizada. Portanto, como pode ser observada a seguir, essa única ocorrência aparece em um contexto fortemente favorecedor de ênclise.

(4) “Eu tava conversando com um meu marido nestante ali, a gente falando...eu falando com ele, eu fiz: “Êta, e agora eu vou pra Salvador, **danou-se**”.

Para Freitag (2005), a variável faixa etária é complexa, pois os resultados alcançados da distribuição das ocorrências em razão da faixa etária podem levar a identificação de falsos processos de variação e mudança, porque podem ser encontrados reflexos de uma gradação etária e não de uma mudança propriamente dita. Segundo a pesquisadora, “[...] por detrás dos resultados da variável “faixa etária” estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização” (FREITAG, 2005, p. 106).

Nesse sentido, apesar da variável escolaridade não ter sido selecionada pelo Goldvarb X neste estudo, já que tantos os informantes da norma culta e popular usam de forma expressiva a próclise, diferentemente do que Araújo e Silva (2018) obtiveram no português luandense, a correlação entre faixa etária e escolarização faz-se necessária. Os resultados percentuais dessa variável mostram que 3,1 % das ocorrências da norma culta foram de ênclise, ou seja, das 14 ocorrências dessa forma canônica encontradas no *corpus*, 11 ainda persiste no desempenho linguístico de informantes que têm nível superior.

Desse modo, sabemos que a escola, enquanto espaço de formação, por precessão da tradição gramatical pode ser responsável por inibir processos de variação e mudança linguística. Como podemos ver, nem a escolarização foi capaz de impedir o uso generalizado da variante proclítica, mas percebemos que os indivíduos que passaram por esse processo, ainda apresentam, mesmo que de forma pouco significativa, a forma canônica que é aprendida nas unidades de ensino. Além dessa informação, surge um questionamento: em que contextos sintáticos ainda persistem os poucos casos de ênclise? Com o objetivo de responder a essa pergunta, seguem os exemplos extraídos da amostra:

(5) “Não gostamos de ficar presos, imagine os animais. Acho bonito, mas não gostaria de **tê-los**” (R.S.A, Faixa II, F, NC)

(6) “eu estou completamente desmotivado, então não há sentido fundar uma escola hoje (barulho) pra uma juventude que, na verdade, não quer estudar, então **foi-se** o sonho, mas ficou [...]” (J.C.P de S, Faixa II, M, NC).

(7) “[...] eu acho que é minha obrigação sempre **servi-lo** na hora que ele precisar” (J.C.P de S, Faixa II, M, NC).

(8) “[...] fui empurrado pra área de engenharia, que achavam que seria... é... pra quem é pobre engenharia na época, na época de setenta, **empregava-se** muito e havia facilidade de emprego, tanto que antes de, de me formar um... um ano já tava, tinha compromisso [...]” (J.A.R.R, Faixa II, M, NC).

(9) Hum-hum. Porque já foi... procurado... esses estudantes foram procurados e... por diversas vezes...é... **tentou-se** diálogo, **tentou-se** um...mudar as coisa [...]”(J.A.R.R, Faixa II, M, NC).

(10) “Então, o fato de eu me aproximar dele, pra procurar entender aquilo, já consigo ganhar, **ganhá-lo** e tenho meu... meio caminho andado, então, nunca vou de, de embate, vou de frente com ele, não” (J.A.R.R, Faixa II, M, NC).

(11) “**Reclama-se** das liberdades de expressão, mas o... os militares não tinha essa inteligência toda”(J.A.R.R, Faixa II, M, NC).

(12) “como dizia na época, é... alienados que não dava nada, mas tinha uma mensagem política e **passou-se** muita coisa” (J.A.R.R, Faixa II, M, NC).

(13) “Ah, o suco de pêssego. Você descasca o pêssego com casca, não, corta o pêssego, fatia ele, é... coloca no liquidificador, adiciona água na consciência que você queira do suco – mais ralo ou mais...- acrescenta limão, adoça a gosto, bate no liquidificador, depois peneira o suco e adiciona gelo à vontade e **sirva-se**” (J.A.R.R, Faixa II, M, NC).

(14) “Você. Num, não uso tu de jeito nenhum, porque aqui **fala-se** o tu errado” (J.A.R.R, Faixa II, M, NC).

Como podemos observar, os casos de ênclise ocorrem com elemento proclisador como os advérbios “aqui” e “sempre”, e sem a presença desses elementos que facilitam a próclise. Cabe ressaltar que, esses casos da variante enclítica, foram produzidos por três informantes pertencentes a faixa II da amostra, sendo das onze ocorrências, sete produzidas pelo mesmo indivíduo.

Com base nos exemplos supracitados, é possível notar que não há um contexto sintático que favoreça a posposição do pronome, pois ocorre desde verbo

em posição inicial absoluta a oração coordenada sindética. Entretanto, dos onze dados, o clítico “se” configura-se em oito, mostrando ter certa tendência à ênclise.

A VARIÁVEL SEXO DO INFORMANTE

Em relação à variável sexo do informante, também selecionada como estatisticamente relevante nos dados de Feira de Santana, os resultados estão expostos na tabela 03.

TABELA 03: Atuação da variável *Sexo do informante* no favorecimento da variante proclítica no português falado em Feira de Santana-BA

Fator	Ocorrências/ Total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	292/293	99,7%	.81
Masculino	236/249	94,8%	.14

É possível observar que dos 293 dados de colocação pronominal produzidos pelos informantes do sexo feminino, apenas um foi de ênclise. Assim, fica evidente que as mulheres lideram o processo de implementação da variante proclítica no português feirense, apresentando um índice significativo de (.81).

Nesse sentido, esses resultados coadunam com muitas pesquisas de cunho variacionista que mostram que as mulheres são mais sensíveis ao status social das variantes linguísticas e há uma tendência a liderarem processo de mudança, em especial quando o fenômeno variável não está envolto de estigma social. Entretanto, conforme ressalta Paiva (2017), há processos de mudança em que não fica evidente esse caráter polarizado entre variante prestigiada *versus* estigmatizada. Esse é o caso da colocação pronominal, pois a variação entre próclise e ênclise não é um fenômeno marcado socialmente, como é, por exemplo, a ausência da marca de plural em concordância verbal e nominal.

Em virtude do exposto, estando a colocação dos clíticos pronominais imune à estigmatização da sociedade, as mulheres lideram de forma expressiva a mudança no sentido da implementação da próclise na língua portuguesa falada na cidade de Feira de Santana-BA. Isso fica evidente pelo favorecimento da variante inovadora (proclítica) na fala feminina e pela inibição do fenômeno no comportamento linguístico dos homens, apresentando um índice de (.14).

A VARIÁVEL TIPO DE ORAÇÃO

Das variáveis linguísticas controladas em ambas as variedades analisadas, “Tipo de oração” foi a única variável selecionada pelo programa computacional como favorecedora da variante proclítica, tanto no português feirense, quanto no português luandense. Assim, resta-nos saber se os contextos sintáticos também se

assemelham. Nesse sentido, antes de começar a discussão acerca dos resultados obtidos no controle desta variável, vale ressaltar que nas orações com “Verbo em posição não inicial, precedido por um sintagma nominal sujeito (com 139 ocorrências)”, “Oração principal (23 ocorrências)” e “Oração intercalada (2 dados)”, o uso da próclise foi categórico. Os demais ambientes sintáticos estudados apresentaram variação. A fim de ilustrar os contextos em que a próclise foi categórica, seguem alguns exemplos retirados do *corpus*:

(15) “**A gente se** conheceu no quando eu trabalhava na Embasa, mas só começamos a namorar mesmo, depois que eu saí da Embasa. Quando eu tava perto de sair, a gente... na verdade, a gente nem, a gente não começou a namorar dentro no trabalho, claro. **A gente se** encontrou numa festa” (T.L.S.M, Faixa I, F, NC).

(16) “É! Aí, **ela se** engraçou comigo e terminou eu saindo um dia aí com ela” (B., Faixa III, M, NP).

(17) “[...] Se eu já nasci, **Deus me deu o poder de eu nascer, Deus me deu o poder de eu tá aqui [...]**” (C. Faixa III, F, NP)

(18) “[...] a gente nunca foi de brigar, principalmente porque eu sou muito agitada assim, muito elétrica e ele é bem calmo, bem...então, quando eu queria brigar, **ele nem me dava ousadia.**” (P.L.O, Faixa I, F, NC).

Na tabela 04, encontram-se os resultados obtidos para a variável “Tipo de oração”. Logo em seguida, a fim de cumprir com o objetivo do trabalho, na tabela 05, apresentamos os resultados alcançados por Araújo e Silva (2018), para que possamos comparar e verificar se há semelhanças e diferenças entre o português feirense e luandense, sendo, respectivamente, representantes do PB e do PA.

TABELA 04: Atuação da variável “Tipo de oração” no favorecimento da próclise no português falado em Feira de Santana-BA

Fatores	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Verbo em primeira posição inicial absoluta	24/27	88,9%	.096
Oração subordinada desenvolvida	130/132	98,5%	.74
Oração coordenada sindética	111/115	96,5%	.45
Depois de pausa	79/83	95,2%	.39
Orações exclamativas	13/14	92,9%	.14

TABELA 05: Uso da próclise segundo a variável “Tipo de oração” em estrutura com um único verbo no português de Luanda

Fatores	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Verbo em primeira posição inicial absoluta	22/31	71%	.59
Oração subordinada desenvolvida	123/136	90%	.74
Oração coordenada sindética	72/104	69%	.26
Depois de pausa	54/94	57%	.48
Verbo em posição não inicial, precedido por sujeito sem fator de próclise	79/110	71%	.39
Oração principal	11/13	84%	.47

Fonte: Adaptado de Araújo e Silva (2018)

Como podemos observar nas tabelas 04 e 05, em linhas gerais, no que tange ao controle da variável *Tipo de oração*, o PB e o PA apresentam semelhanças no que concerne à colocação dos pronomes clíticos. A diferença maior reside no seguinte: enquanto em Luanda, o uso do clítico precedido por um sintagma nominal (exemplificado em 15 e 16) é variável, apresentando um índice de 71% de próclise, no PB, a variante proclítica foi categórica. Observamos também que, na língua portuguesa falada em Feira de Santana, em “Oração principal” o uso da próclise é categórico, em Luanda, de treze ocorrências encontradas, apenas duas foram de ênclise. Assim, apesar de apresentar variação, podemos concluir que, semelhantemente ao PB, esse ambiente sintático é fortemente favorecedor da posição pré-verbal.

Segundo Galves e Lobo (2009, p. 176), na história do português, é possível observar duas mudanças na colocação dos pronomes clíticos. A primeira refere-se a um aumento expressivo da próclise do século XIII ao século XVI em detrimento da ênclise, que era a posição quase categórica. Os séculos XVI e XVII passam a ser essencialmente proclíticos e, a partir do século XVIII, há um retorno da ênclise, e essa passa a ser a colocação majoritária do português europeu moderno.

Nesse sentido, vale mencionar que é no século XVI, período de generalização da posição pré-verbal na língua portuguesa, que os portugueses aportaram no Brasil e deram início ao projeto de colonização do território brasileiro. O PB e o PE mudaram em direções diferentes, pois, enquanto assiste-se à retomada da ênclise no século XVIII na variedade europeia, prevaleceu, no PB, o uso majoritário da variante proclítica nos contextos sintáticos em que havia próclise no XVI, chegando a abranger a posição inicial absoluta, contexto de ênclise categórica na história do português europeu.

Vieira (2012) estudou a colocação dos pronomes clíticos em estruturas com verbos únicos e grupos verbais na modalidade oral do português falado por informantes não escolarizados de Portugal. Em relação à posição dos clíticos pronominais em início absoluto de oração/ período, a ênclise foi categórica. Assim,

podemos concluir que se trata de uma inovação da sintaxe brasileira a colocação pré-verbal nesse contexto.

Esse ambiente sintático foi selecionado como favorecedor da variante proclítica no PB e no PA. Na variedade brasileira, o índice de favorecimento foi de (.096) e, na angolana, de (.59). Assim, é possível concluir que a próclise nesse contexto não se trata apenas de uma inovação na gramática do PB, mas também da variedade angolana. Como pode ser observado, ambas as variedades do português se distanciam da língua do colonizador. No que se refere ao PE, nem no século XVI, conhecido como essencialmente proclítico, a próclise chegou a nesse contexto sintático.

Em virtude do exposto, vale mencionar os resultados preliminares alcançados por Vieira e Vieira (2018) a partir de uma amostra constituída por seis entrevistas produzidas em 2016 com jovens moçambicanos. As pesquisadoras constataram que o português de Moçambique segue algumas semelhanças no que concerne à posição dos pronomes clíticos, a exemplo da presença da variante proclítica em início de oração.

Sabe-se que esse ambiente sintático é de ênclise na história e na atual sincronia do PE, e, por outro lado, notamos uma aproximação entre as variedades históricas constituídas do contanto maciço entre o PE e as línguas africanas nas duas ex-colônias portuguesas. Assim, surge um questionamento: essa inovação observada no português de Moçambique, PA e PB, não seria desencadeada em virtude do contato interlinguístico que houve na sócio-história dessas variedades? Para responder essa indagação, necessita-se de um estudo não apenas linguístico, mas sócio-histórico desses países. Devido aos limites do presente trabalho, tal discussão não poderá ser aqui desenvolvida.

A seguir, alguns exemplos retirados do *corpus* para ilustrar o que foi supracitado:

(19) “**Nos** encontramos. **Nos** encontramos, principalmente em final de ano. Esse ano não muito por que houve uns entraves aí, mas já vai acontecer nesse final de semana” (R.S.A, Faixa II, F, NC)

(20) “**Me** aperfeiçoei e tô até hoje, graças a Deus! Até também tenho meu comerciazinho mermo, com meu sonzinho mermo, e aí me sinto muito bem!” (P.M.C, Faixa I, M, NP).

Esperávamos que, em contexto de oração subordinada, seja ela substantiva, adverbial ou adjetiva, a próclise fosse categórica, já que o PB generaliza essa colocação e o referido ambiente sintático é fortemente favorecedor da variante proclítica na história da língua portuguesa (LOBO, 1992). Nesse sentido, de 132 ocorrências, apenas duas foram de ênclise. Assim, apesar de apresentar variação, notamos o favorecimento da variante proclítica nessa estrutura oracional, perfazendo um índice de (.74). Em nível de relevância estatística, observamos semelhança entre o PB e o PA, pois ambas as variedades, nesse tipo de oração, obtiveram o mesmo peso relativo de (.74). Nos exemplos 19, 20 e 21, seguem alguns exemplos de orações subordinadas desenvolvidas encontradas no *corpus* de Feira de Santana:

(19) “Eu sei que eu **me** parei lá e quando cheguei diz que a mulher do véi tava doente que era pra mim ir pra casa da mãe dele, da mãe de J. Lá foi eu pra lá fiquei lá” (F.C, Faixa III, F, NP).

(20) “E... ouço constante. Eu ouço sempre a... os programas que **se** fala de notícia, principalmente no que abrange a nossa cidade, eu ouço muito aquele programa de Dilton Coutinho de manhã” (J.C.P de S, Faixa II, M, NC).

(21) “Mas, se eu achasse que tivesse, se **me** incomodasse, eu tiraria [...]” (E.S.R.P, Faixa II, F, NC).

Por outro lado, de forma semelhante nas duas variedades estudadas, os contextos “Oração coordenada sindética” e “Depois de pausa” desfavorecem a variante proclítica. Entretanto, apesar de os pesos relativos mostrarem que nesses ambientes sintáticos a posição pré-verbal é inibida, chama-nos a atenção o número de ocorrências dessa colocação no português feirense. De 115 dados de colocação pronominal em orações coordenadas sindéticas, apenas quatro foram de ênclise. Essa mesma observação se estende para o tipo de oração “Depois de pausa”, onde de 83 dados, apenas 04 foram de ênclise.

Nos contextos que apresentaram resultados pouco divergentes entre o PA e o PB, os números de ocorrências nos dão subsídios para afirmar que há uma aproximação entre ambas as variedades. Enquanto no português feirense, em “Oração principal” o uso da próclise foi categórico, em Luanda, nesse contexto, constatamos uma tímida variação, pois de apenas 13 dados, 11 foram da variante pré-verbal. O mesmo se atesta para “Oração exclamativa”. No PB não houve variação, mas no português falado em Luanda, de 14 dados de colocação, apenas um foi de ênclise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme postula Petter (2015), há um *continuum* entre as variedades do português que foram parcial e completamente reestruturadas. Nesse sentido, coadunando com a tese defendida pela pesquisadora, este trabalho teve como objetivo comparar os padrões de colocação pronominal no português falado em dois centros urbanos, a saber: Feira de Santana-BA-Brasil e Luanda-Angola.

Nessa perspectiva, a hipótese de que, em ambas as variedades, no que concerne à sintaxe dos clíticos pronominais, devido às confluências sócio-históricas existentes entre Brasil e Angola, encontraríamos uma aproximação, foi confirmada; sendo a variante proclítica a que apresentou uma maior frequência de uso no português feirense e no luandense.

O fenômeno mostrou-se variável no PA, enquanto, no PB, há uma flagrante mudança em curso no sentido de implementação da próclise, pois apenas 2,6 %

(14/542) das ocorrências foram de ênclise, não havendo registro de mesóclise em nenhuma das variedades estudadas.

Segundo Teixeira (2008), o PA ainda não tem uma identidade linguística própria. Com base nos resultados alcançados neste estudo, acreditamos que, quando esse país assumir o seu perfil sociolinguístico, no que concerne à posição dos clíticos pronominais, a língua portuguesa falada nesse país caminhará para o mesmo processo de mudança que vem passando o português feirense. Essa afirmação se justifica pela semelhança nos contextos sintáticos selecionados pelo programa estatístico como favorecedores da colocação pré-verbal nas duas ex-colônias portuguesa e um distanciamento dessas com a norma do colonizador, a exemplo de próclise em início absoluto de oração/ período, ambiente sintático exclusivamente enclítico na história e no PE moderno.

Esperamos que, com este texto, tenhamos dado uma contribuição para descrever a realidade linguística do português feirense, em sua comparação com a realidade linguística luandense, e, assim, esperamos ter feito um estudo histórico, *no sentido lato* (MATTOS E SILVA, 1988), do percurso que está percorrendo a língua portuguesa no espaço e no tempo.

Notas

* Pós-doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com bolsa do CNPq (PDJ-CNPq)

¹ Utilizamos os termos *norma culta* e *norma popular*, adotando a conceituação de Lucchesi (2015).

² Legenda: Faixa I (25 a 35 anos), Faixa II (45 a 55 anos) e Faixa III (acima de 65 anos), M= Sexo Masculino, F= Sexo Feminino, NC= informante da norma culta, NP=informante da norma popular.

³ Nesta seção, por trabalharmos apenas com lexias verbais simples, iremos sistematizar apenas os resultados alcançados pela pesquisadora para os contextos sintáticos constituídos por apenas um verbo.

⁴ Araújo e Silva (2018) controlaram também as variáveis sociais “Língua Materna” e “Naturalidade”. Essas variáveis foram consideradas tendo em vista as singularidades sócio-históricas e linguísticas de Angola, o que não é possível verificar no português feirense; por isso, ambas as variáveis não foram levadas em conta na nossa pesquisa.

⁵ Da variável *Clítico*, restavam sem Knockouts os fatores “se” e “a(s)/o(s)”, sendo o primeiro com 130 de próclise de um total de 140 dados e o segundo com 14 dados de próclise de um total de 18 dados. Da variável *Elemento que antecede o verbo*, os fatores “Nenhum elemento” (com 82 de próclise de um total de 90 dados); “Outros sintagmas adverbiais” (com 49 de próclise de um total de 51 dados); “Sintagmas adverbiais de negação” (com 7 de próclise de um total de 8) e “Conjunção coordenativa” (com 27 de próclise de um total de 30).

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. SILVA, Manoel Crispiniano Alves da. Análise variacionista da colocação dos pronomes clíticos no português falado em Luanda-Angola. **Diálogos Pertinentes**: Revista Científica de Letras, v. 14, p. 147-167, 2018.

AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Revista Linguística (Online)**, v. 30, p. 241-288, 2014.

ANDRADE, Aroldo Leal de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A posição e a colocação de clíticos em predicados complexos: o português brasileiro visto a partir de duas vertentes. **Filologia e Linguística Portuguesa (Online)**, v. 16, p. 125, 2014.

BLAZOLLI, Caroline Carnielli. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português**: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma. 2016. 381 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2016.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. Colocação de clíticos em orações finitas em duas vertentes do português oral feirense: um contexto não variável. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; TEIXEIRA, Eliana Sandra Pitombo; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Org.). **Variação Linguística em Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016, v. 1, p. 141-174.

FEREIRA, Wisla M. A C; ALKMIM, Mônica G. R. de. A colocação do pronome clítico na fala do dialeto mineiro. **I CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, VITÓRIA-ES, 18 A 21 DE OUTUBRO DE 2011**.

FREITAG, Raquel Ko. Idade: uma variável complexa. **Línguas e Letras**, v.06, p. 105- 121, 2005.

GALVES, Charlotte; LOBO, Tânia. Ordem dos clíticos. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson. (Org.). **África à vista**: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 174-207. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 235-250.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOBO, Tânia. **A colocação dos pronomes clíticos em português**: duas sincronias em confronto. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

LOBO, Tânia. A sintaxe dos clíticos. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). **A Carta de Caminha: Testemunho linguístico de 1500**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.

MARTINS, Marco Antonio. Clíticos e sujeitos pré-verbais: gramáticas do português no Brasil dos séculos 19 e 20. **Cadernos de Pesquisas em Linguística (PUCRS)**, v. 3, p. 62-72, 2007.

MACHADO, Ana Carla Morito. **O uso e a ordem dos clíticos na escrita de estudantes da cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil. **DELTA**. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, n.4, p. 85-114, 1988.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da lingüística histórica: “ouvir o inaudível”**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Org). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. 4ª. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

PAGOTTO, Emílio Pagotto. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1922.

PAGOTTO, Emílio Pagotto. Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. -3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Org). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. 4ª. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Ampliando a investigação no *continuum* afro-brasileiro de português. **PAPIA**, São Paulo, 25(2), p. 305-317, Jul/Dez 2015.

ROUVERET, Alain. Cliticização e tempo em português europeu. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, n.17, 1989, p. 9-37.

SARAIVA, Líbia Mara S. **A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inqueritos do projeto NURC: uma análise contrastiva**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. GoldvarbX: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref> Acesso em 12 de abril de 2019.

SCHEI, Ane. **A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária brasileira**. 2. ed. São Paulo: Humanistas/ FFLCH/ USP, 2003.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba, MARTIN, Vilma lia de Rossi. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP. Editora, 2008.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português**. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 2002.

VIEIRA, Silvia. Rodrigues. Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana do português: para a definição da natureza do clítico em Português. In: BRANDÃO, S.F.; MOTA, M.A.C da. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do Português**. Rio de Janeiro: In-Fólio, v. 1, p. 37-60, 2003.

VIEIRA, Maria de Fatima. O português europeu e a colocação dos pronomes átonos. *Diacrítica*, Porto, v.26, n.1, p.299-330, 2012

VIEIRA, Maria de Fátima. **A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense**: uma análise sociolinguística do português no início do século XXI. 2016. 238 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2016.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; VIEIRA, Maria de Fátima. A ordem dos clíticos pronominais no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Dois variedades africanas do português**: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Para citar este artigo

ARAÚJO, S. S. de F., SILVA, M. C. A. da. A sintaxe dos pronomes clíticos no português falado em feira de santana-ba: uma comparação com o português luandense. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 563-584.

Os Autores

Silvana Silva de Farias Araújo é doutora em Língua e Cultura (UFBA). Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santana (UEFS) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). É pós-doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com bolsa do CNPq (PDJ-CNPq). Tem experiência na área de Sociolinguística, com ênfase nos contatos linguísticos, atuando principalmente nos seguintes temas: formação do português do Brasil, contatos linguísticos, fenômenos morfossintáticos e variedades africanas do português. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS) no período de 2016-2019. Foi presidente da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares (ABECS) no biênio 2014-2016. É conselheira da Associação Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE (2019-2020).

Manoel Crispiniano Alves da Silva é estudante de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente, é bolsista CNPq, integra o grupo de pesquisa "Constituição, Variação e Mudança do/ no Português Brasileiro", que visa a estudar a sócio-história do Português Brasileiro (PB), analisando a contribuição das línguas africanas na formação do PB. Desenvolve trabalhos na área da Sociolinguística, com ênfase nos estudos de Crenças e Atitudes Linguísticas, Sociolinguística Educacional e Variação morfossintática no intercâmbio sociolinguístico entre o Português falado em Luanda-Angola e o Português Brasileiro, analisando as semelhanças e as diferenças entre ambas as variedades da língua portuguesa, investigando as consequências do contato linguístico na formação dessas variedades.